

PARA SEMPRE

CONTOS E POEMAS DE AMIZADE E AMOR

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR
VOL. VIII



SELO CONEXÃO LITERATURA

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-79540-9
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

EU SÓ ERA, POR AMANDA BARRETO MEIRELLES DO NASCIMENTO, PÁG. 05
AURORA DA VIDA, O NASCIMENTO DO AMOR, POR ANDERSON MALTA DA SILVA, PÁG. 07
CASAL, POR ANTONIO CARLOS RODRIGUES MARQUES, PÁG. 09
ESSES BREVES AMORES, POR ARTHUR SUTO ROSTEI FERNANDES DOS ANJOS, PÁG. 11
LET ME IN, POR BELLE, PÁG. 14
DE REPENTE, POR BOAVENTURA ALVES, PÁG. 17
BANCO DE PRAÇA, POR CARLOS CUNHA, PÁG. 19
VERGONHA, POR FAUSTO ROBERTO VEDDY BARCELLOS, PÁG. 22
A CONQUISTA, POR FYCN, PÁG. 24
O CONFLITO, POR FYCN, PÁG. 26
A DÚVIDA, POR FYCN, PÁG. 28
O FIM, POR FYCN, PÁG. 30
O AMOR QUE TEMOS, POR JAFF SILVA, PÁG. 32
ONDE ESTÁS?, POR MIZÉ, PÁG. 34
ACREDITA E AMA, SEMPRE!, POR MIZÉ, PÁG. 36
AMAR: VERBO TRANSITIVO, POR NATÁLIA DANTAS DE OLIVEIRA, PÁG. 38
ATÉ QUE A MORTE NOS UNA, POR PAULA SOLEDADE DOS SANTOS, PÁG. 40
A NOITE QUE O TEMPO ESQUECEU, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 43
O QUE FALAM AS MINHAS LÁGRIMAS, POR ROMÃZINHA MARIA, PÁG. 48
BLÁ, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 50
SAUDOSA CONVERSA SOLTA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 52
A LOJA DOS BIBÊLOS ENCANTADOS (RECORDANDO PAPAI), POR SHEILA SACKS, PÁG. 54
BEM-VINDOS AO PARAÍSO (RECORDANDO MAMÃE), POR SHEILA SACKS, PÁG. 59
BAILES, POR VANIA PERAZZO BARBOSA HLEBAROVA, PÁG. 62
DIAMANTE EM CINQUE TERRE, POR WALDIR LEITE ROQUE, PÁG. 67
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 71

PARA SEMPRE

CONTOS E POEMAS DE AMIZADE E AMOR

**ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR
VOL. VIII**

SELO CONEXÃO LITERATURA

PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O POEMA ***EU SÓ ERA***

POR AMANDA BARRETO MEIRELLES DO NASCIMENTO

Advogada, Mestra em Direito, Governança e Políticas Públicas pela Universidade Salvador(UNIFACS), Especialista em Direito e Magistratura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

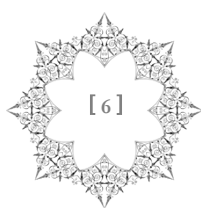
Em cada verso
Em cada poema
Em cada história
Eu sempre te disse

Que você era a pessoa
Que eu mais confiava no mundo
Nunca menti
Mas, omite

Eu só era carinhosa
Eu só era amorosa
Eu só era atenciosa
Eu só era isso tudo

Porque eu omitia
Que os meus atos
E palavras
Era para que você

Não soubesse que você era
Meu amor escondido



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O POEMA

AURORA DA VIDA, O NASCIMENTO DO AMOR

POR ANDERSON MALTA DA SILVA

Servidor público desde 1993, Anderson Malta da Silva adquiriu habilidades essenciais de leitura, interpretação e redação de documentos formais. Este rigor com a palavra, desenvolvido ao longo de décadas, alicerça uma nova fase: a expressão literária. Anderson Malta da Silva agora também se dedica à escrita em temas pessoais, vertendo o cotidiano e a reflexão, em matéria-prima. Sua obra busca traduzir o que sente, vê, imagina e sonha, oferecendo ao leitor um olhar íntimo sobre as grandes e pequenas questões da vida.

Sentado na varanda, olhando para o longe... Pensando...

Lembrei do momento em que a conheci. Ela fechava com meus sonhos de mulher ideal. Encantado, fiz *download* de nova alma e incorporei o poeta; foi a aurora da vida, o nascimento do amor.

Dai, fiz o que quase todo mundo faz: morri de amor e continuei vivendo. Feliz.

Em algum momento, que nem sei quando, comecei a pisar na bola e fiz o que muitos fazem: fui punk, maloqueiro, descuidado, indiferente. A parte boa do passado não podia mais compensar as pisadas na bola do presente. Detonei o que seria um futuro incrível.

O romance foi excelente, enquanto durou, e, uma vez que nasceu, marcou a alma e a vida para sempre. A gente pode dizer: amei e fui amado!

Pós separação, vieram a dor de morrer pelo amor perdido e a angústia de continuar vivendo sem ela. Sensações inevitáveis.

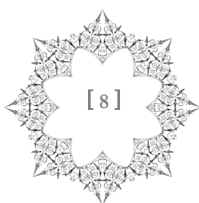
Anos depois, sou um ser humano que se acha melhor, que pensa que aprendeu algo sobre erros e acertos. Evoluído?

Só o destino sabe o que será de nós.

A certeza é que haverá dor, enquanto espero o reencontro. Ou melhor, um novo encontro. Passado o tempo, é provável que sejamos novas pessoas. Então, se ocorrer, se a gente se esbarrar por aí, será um novo encontro.

E na rádio, toca uma música que eu gosto, mas que agora ressalta a saudade e a dor. Seus versos ecoam:

*“...Quero que saibas que me lembro
Queria até que pudesses me ver
És parte ainda do que me faz forte
E, pra ser honesto só um pouquinho infeliz
Mas tudo bem, tudo bem, tudo bem
Tudo bem, tudo bem, tudo bem
(....)
E é de ti
Que não me esquecerei...”*



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O CONTO CASAL

POR ANTONIO CARLOS RODRIGUES MARQUES

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado (OAB 13.339). Já publicou 16 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.

Não é a roupagem da ramagem a assepsia dos casais desencontrados? Não é o amor desfeito, ao após refeito, das canduras o melhor confeito? Então, as almas abraçadas são as nuvens abençoadas que amarram os vossos comezinhos desentendimentos.

É possível, é bem possível que a capacitação a dois consiga o descortino impossibilitado a um. Não é a escora a amarra das imperiosas alturas? E não é, nessas, a elegante andadura? Podeis, sim podeis acrescentar às vossas derivas de flutuações, o barco do remo salva vidas. Se este não é desejado, por vezes, nas angustiosas devastações, é sempre abraçado com auge enlevo amorado desesperado.

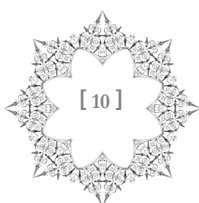
Que seja o vosso desespero a âncora da espuma dissipadora.

Não ancoreis em portos fracassados, nem segureis vossa barça em âncoras de inteligências vaporosas.

Para o naufrago, a ilha salvadora não precisa ser aquela ilha enfeitada dos adornos preconcebidos.

A ilha da salvação é aquela necessidade imperiosa incrustada em vossa frente.

E vossa frente é a vossa ilha à qual vos deveis ancorar com o discernimento da compreensão: essa é a vossa ilha da salvação.



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS
O POEMA

ESSES BREVES AMORES

POR ARTHUR SUTO ROSTEI FERNANDES DOS ANJOS

Um psicólogo que tem uma grande aproximação com a arte e possui um desejo enorme de externalizar seus pensamentos, ideias e divagações a partir dela. Além disso, vê a arte como um meio de transformação social.

Ultimamente está difícil pensar
Não sei por onde anda minha mente
Eu olho para um lado e para o outro, não sei por onde começar
É que às vezes a gente finge que não sente
Preciso sair, levar meu cachorro para passear
Isso não é fugir, preciso espairecer para poder tentar cantar
É que eu já nem lembro meu nome
Quando a necessidade bate, a gente some

Amor, você já me amou?
Amor, eu só precisava saber
É que eu não me recordo das suas palavras

Amor, você já me amou?
Amor, eu só queria entender
É que tudo isso, só me causa escalavras

Amor, essa poesia não era para ser sobre você
Mas agora vai ser

Amor, você já me amou?
Amor, eu só precisava saber
É que eu não me recordo das suas palavras

Amor, você já me amou?
Amor, eu só queria entender
É que tudo isso, só me causa escalavras

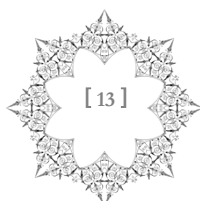
Amor, essa poesia não era para ser sobre você
Mas agora vai ser

Ei, lembra das nossas promessas? Tínhamos prometido ser felizes juntos. Realmente, a vida não acontece como nos filmes que víamos, que pena. Lembra daqueles dias

ensolarados? ao seu lado, esquecia todo o restante, como tenho esquecido ultimamente, uma pena ser por motivo diferente. E no final, eram apenas palavras.

Adeus,

Amor



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O POEMA

LET ME IN

POR BELLE

Ainda que jovem, Isabelle se refaz a cada dia entre livros, animes e o aconchego de seus gatinhos.

Em sua introspecção, encontra na escrita uma forma de compreender e expressar sentimentos que nem sempre podem ser ditos. E, fora do universo literário, busca estabilidade em seu trabalho com Gestão de PDV, mas é nas palavras que encontra sua verdadeira essência, ainda em constante transformação.

*você não percebe certas coisas —
vive ao redor, mas também dentro de si,
como alguém que conheço:
perdida em devaneios que a arrastam sem fim.*

ouvi tantas músicas,
e me afoguei em pensamentos sobre **nós**,
sobre algo que nunca existiu.
As palavras estavam prontas para nascer,
mas a preguiça — ou o medo — me calou,
porque eu sei: sinto muito mais do que você.

você tira e põe a aliança
de alguém que parece te negar,
alguém com pouco amor no olhar.
E mesmo que não seja dependência —
como você diz, com veemência —,
não percebe que há algo melhor?
Algo sincero, profundo, de grande valor?
Então, é por isso que estou aqui:
me arriscando, me entregando, me moldando —
querendo ser o seu melhor.

Transparente como luz sobre o mar,
*um brilho que não fere, mas que quer **amar.***

me vejo como joia esquecida em seu castelo,
esperando afundar no seu mar sincero.
Assim, por favor, solte essas palavras presas,
riscando sobre a dor e me deixando entrar.
Você só precisa me dizer o que quer,
que eu irei buscar.

Redescobrimo quem somos, sem hesitar,
*permita-me estar inteira — **por você**,*
porque mesmo que eu mude, mesmo que doa,
meu coração, frágil, ainda será seu doce papel.

eu serei sua **âncora**.

Te darei amor e sangue, sem pudor,
e mesmo que teus toques de perfeição me firam,
meu coração será teu, em dor ou amor.

seu mundo é pequeno — mas inteiramente teu.

Um refúgio onde o sol escolheu nascer.
Fechado? Sim, mas que guarda um toque secreto,
espelho de algo puro, *ainda florescendo*.

Por isso, não me empurre para longe.

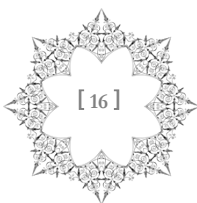
Ao contrário, chama-me para perto —
com a calma do vento que acaricia a pele.
Deixa-me entrar. Deixa-me permanecer.

somos como o brilho do luar:
na serenidade e na leveza,
fazemos da escuridão um lugar de beleza.

Por isso, eu escolho me arriscar.
Permitir em mim que haja o melhor de nós.

eu serei sua **âncora**.

Te darei amor e sangue, sem pudor,
e mesmo que teus toques de perfeição me firam,
meu coração será teu, em dor ou amor.



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O POEMA ***DE REPENTE***

POR BOAVENTURA ALVES

Boaventura Alves é brasileiro de Ouro Preto (MG). Iniciou seus escritos influenciado pela poesia de Drummond. Cruzeirense, pai de 4 filhos, amante das letras, da boa música e de esportes em geral, Boaventura escreve o mundo sob o ponto de vista pessoal e sob a ótica de suas próprias experiências. Publicou 1 livro e tem participado de diversas antologias.

De repente, uma porta se abriu
Deixando entrar o passado.
Nada empoeirado, todo vivo
Tudo num instante.
Raio de sol em noite escura.

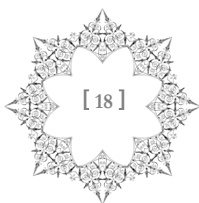
Os anos não foram gentis
Com meu cabelo escasso e grisalho
Nem com as certezas que carregava em
Um bolso furado sem vintém.

Garotos, era o que éramos,
Mas a vida nos arrastou em direções
Opostas e similares correndo
Atrás de um vento que não soprou.

Seus olhos,
Não viram as quedas de água
Em um tempo que eu me levantava só
Lendo um livro fechado
Que nunca ousamos abrir.

Seu nome,
Quebrou o silêncio entre palavras
Que nunca foram ditas
Em filmes inteiros nos teus olhos.

Melodia guardada. Cidade Negra.



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS
O CONTO

BANCO DE PRAÇA
POR CARLOS CUNHA

Carlos Cunha é um aspirante a escritor natural de Curitiba, nascido em 1987, que costuma escrever sobre ficção e fantasia mas, eventualmente, se arrisca a escrever sobre outros temas. Quando não está escrevendo ou lendo, pesquisa histórias para coloca-las no papel. Também pilota, com sofrível destreza, o perfil literário @que_o_satelite_lhe_seja_leve, no Instagram.

Os encontros podem acontecer a qualquer tempo momento.

Não falo aqui sobre encontros ordinários, como quem encontra o par de chaves sobre a mesa ou encontra um colega nos corredores do trabalho. Não, aqui falo sobre aqueles encontros que acontecem uma vez ou duas na vida, que potencial para alterar rumos e mudar metas. São desses encontros que estou falando e é sobre um desses que essa história fala.

Dito isso, eu não costumava pensar sobre encontros, ou esperar por eles, contudo isso mudou quando, certo dia, olhei para uma mulher. Naquele momento, tive a certeza de que estava tendo aquele encontro.

Aquela não era a primeira vez que a estávamos nos vendo, é claro. Meu nome é Tiago e tenho um trabalho bastante monótono em uma empresa de papéis. Fernanda, a mulher que me causara aquela epifania, trabalhava na mesma empresa, porém em outra filial. Nós dois estávamos em viagem, em um curso promovido pela própria empresa. Nunca tínhamos nos visto antes daquilo, mas já havíamos conversado brevemente em algumas das atividades do curso — estávamos até no mesmo grupo de trabalho — mas ainda não havia a encontrado de fato. Pelo menos não havia ocorrido aquele tipo de “encontro”.

Isso mudou naquele momento. Fernanda estava sentada em um banco daqueles de madeira, visto em praças públicas. Era noite e ela estava sozinha. As atividades do dia já haviam acabado, estávamos fora do centro de eventos e eu estava indo embora, na direção do hotel que havia sido reservado pela empresa. Eu só queria minha cama. Quando olhei para ela, todavia, sentada ali sozinha, com seus pensamentos flutuando, não soube exatamente o motivo, mas subitamente senti um grande apreço por bancos de praça e decidi que deveria sentar-me naquele. Esqueci do sono e da cama do hotel. Pedi licença a ela e me sentei.

Revisando os fatos, anos depois, percebi que nem me recordava exatamente o que nós conversamos sentados naquele banco de praça. Porém, de uma coisa eu tinha plena certeza. Encontrara naquela noite aquilo que muitos chamavam amor. O tipo de encontro ao qual eu estava me referindo.

Não me leve a mal. Nada de mais aconteceu entre nós naquele momento. Eu estava nervoso demais para tentar qualquer galante investida romântica. Só posso dizer que nos dias que se seguiram passei a buscar pela companhia dela a todo tempo. Atividades em grupo, mesmo as mais maçantes ou cansativas, passaram a ser

subitamente prazerosas e alegres quando feitas na presença dela. E, para minha alegria, Fernanda compartilhava de minha felicidade.

Sim, o encontro fora de mão dupla, pelo menos é o que eu gosto de pensar. Acho que, quando sentei naquele atrativo e belo banco de praça ao lado dela devo ter, de alguma maneira insondável, dito as palavras certas, os comentários espirituosos corretos. Ou talvez ela já tivesse me encontrado, antes que eu a tivesse encontrado, quem sabe. Talvez tenha me hipnotizado e me levado a sentir um súbito amor por bancos de praça.

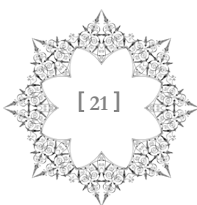
Passamos um bom tempo juntos naqueles dias. Toda oportunidade que tínhamos era aproveitada. Realizamos atividades de impressão, produzimos documentos. Dividimos um cachorro-quente e outros momentos juntos (que não cabem nessas páginas). Estávamos em uma sintonia tão grande que não faço ideia de como os demais funcionários não perceberam que, naquela altura, não éramos mais apenas colegas de trabalho. Ou talvez tenham percebido e apenas nós não tenhamos notado. Não fazia diferença, contudo. Tudo o que importava era aquele encontro.

Os dias passaram, mas uma sombra pairava sobre nós, uma sombra que começou pequena, mas sempre esteve ali. Com o tempo, seu volume aumentava, sua onipresença nos lembrando que, em questão de dias, nos separaríamos. Nosso compromisso de trabalho terminaria e cada qual partiria para suas cidades. Nosso tempo juntos continuava hipnotizante, mas o retrogosto da ansiedade apenas aumentava.

E a inevitável separação veio. Cogitamos ficar juntos, mas a distância, as atribuições do dia a dia, a vida em geral enfim, pesaram e acabou não dando certo. Entre idas e vindas algo sempre pareceu nos separar. Não consigo identificar o que. Talvez a Vida, o Universo ou Tudo o Mais.

Ainda nos falamos e eventualmente nos vemos. Não vou negar, nessas ocasiões tudo se reacende em mim. É como se estar junto com ela fosse a coisa mais certa que eu pudesse fazer. Até hoje não consigo explicar porque não deu certo.

E pensar que tudo começou em um banco de praça. Um banco despretenso, mas que caso criasse consciência teria muito a contar. Talvez tenha presenciado outros encontros, ou talvez o nosso tenha sido o único. Nunca perguntei à Fernanda o que ela achava de bancos de praça e daquele em particular. Será que ela atribuía nosso encontro a ele? Ou, uma pergunta ainda melhor, ela encarava nosso encontro àquele dia como um encontro? Talvez um dia eu retorne àquele banco e a veja lá, sentada, como antes. Nessa ocasião, quem sabe, eu possa me sentar ao seu lado uma vez mais.



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O POEMA ***VERGONHA***

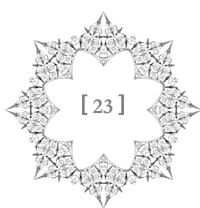
POR FAUSTO ROBERTO VEDDOY BARCELLOS

Nasceu em um dia de setembro. E tenta escrever para ocupar seu tempo.

Passei pelo cobertor que invadiu minha cabeça,
soltei aos poucos e amarrei em mim você.
Quando fui te contar você já havia sumido.
Depois vivi em meu coração a alegria de ter te falado em poesia.

Continuei meu caminho. Pois já havia trilhado.
Me despedi de você nos mesmos lugares que havíamos deixado em música.
O caminho era longo e repleto de boas lembranças.
Quando aconteceu de novo, você veio, e senti vergonha.

Nunca poderei me esquecer desse detalhe em minha vida.
Ainda não sei porquê.
Mas eu percorro o mesmo caminho.



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O POEMA **A CONQUISTA** POR FYCN

Fernanda Nakamura, natural da cidade de São Paulo Capital, cineasta, assistente de direção no audiovisual. Sua trajetória na escrita começa aos 15 anos com poemas que retratam a família.

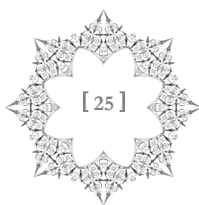
Você chegou, quieta, perfeitamente compenetrada,
Com a inquietude de quem estima a perfeição, e
Com o pavor do erro;
Me vi em você, me vi anos atrás em você.

Pensei comigo: não posso apavorá-la, não posso
Deixá-la se sentir menor, preciso mostrar que ela
é capaz, que ela pode tudo.
E ela pode, ela provou que pode mesmo;
Autêntica, sagaz, audaz. Se submete a qualquer prova,
E passa sem esforço, com categoria.

Não me atrevia em olhar pra ela de modo diferente,
Não me permitia enxergar ela de forma atrevida,
Afinal, a mim cabia a proteger, não a almejar.

Semanas se passaram, olhares se cruzaram;
E inevitavelmente, meu estômago, esôfago, garganta, peito
Gelavam como as estruturas do Pólo Norte;
Que diabos era isso que pulsava dentro mim?
Que cilada eu mesma estava pregando contra as minhas convicções?

E então, acordei um dia, lembrando que meu passado foi triste,
sem emoção alguma!
Algo me despertou hoje, nessa manhã, naquele momento, me fez
jurar pro meu coração que eu precisava me libertar dos meus
Preconceitos, das minhas amarras, e somente, e livremente:
Viver, viver, viver.



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O POEMA **O CONFLITO** POR FYCN

Fernanda Nakamura, natural da cidade de São Paulo Capital, cineasta, assistente de direção no audiovisual. Sua trajetória na escrita começa aos 15 anos com poemas que retratam a família.

Conheço sua voz sem precisar te ouvir,
Sua inquietude sem necessitar te encontrar;
Vejo que dentro de ti, um medo que te limita me deixar,
Mas que me expulsa sem me avisar.

Não acredito que seja proposital suas atitudes, muito
Menos lascivas, admito que nem mesmo tú sabes
Que suas ações me rompem, pois dilaceram mais
A você, pois te confundem, te provocam.

Conheço-te tanto que não é capaz de camuflar,
És transparente só de me olhar;
Insiste em se sustentar em excitações órfãos,
Deixando pra trás a calma de um sentimento abundante.

Conheço-te mais ainda, pois já estive neste lugar,
Neste momento de exílio absoluto, e neste sítio,
não quero mais me encontrar.
Opto o hoje, por um amor tranquilo, que me permita ser eu,
E que me impulse sempre a levantar.



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O POEMA ***A DÚVIDA*** POR FYCN

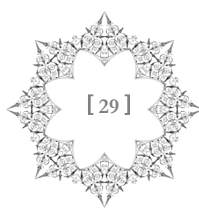
Fernanda Nakamura, natural da cidade de São Paulo Capital, cineasta, assistente de direção no audiovisual. Sua trajetória na escrita começa aos 15 anos com poemas que retratam a família.

Há tempos que não escrevo versos que lembrem do amor;
Naquela época eu achava que afeto era sufoco,
hoje acho que é respirar pela primeira vez após o nascimento.
Amor é capaz de burlar dúvidas, romper acasos.

Há tempos que meu coração não pulsava,
dentro de mim, emoções já não mais me alcançavam;
Agora, acredito de fato que de tudo em você gosto,
Sorriso assanhado, olhar fixo e ao mesmo tempo desconcentrado,
até mesmo sua inquietude me arde em fogo.

Há tempos não me sentia assim tão em dúvida, mas ao mesmo tempo tão certa
De que não sei o que amanhã me prospecta, por isso, resolvi te deixar ir,
Talvez assim eu possa me permitir encontrar em mim o que vá me fazer plena e feliz.

Há tempos e tempos que não respiro algo tão novo e grandioso,
e mais ainda,
Dessa vez, orgulhosa de mim, consegui, finalmente entender, que o mais genuíno de
todos os sentimentos só pode ser inteiramente real,
quando respeitamos a nós mesmos, e que por isso, meu amor, te quero o mais livre, e se
for pra retornar, que seja por querer, não por pesar.



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS
O POEMA

O FIM
POR FYCN

Fernanda Nakamura, natural da cidade de São Paulo Capital, cineasta, assistente de direção no audiovisual. Sua trajetória na escrita começa aos 15 anos com poemas que retratam a família.

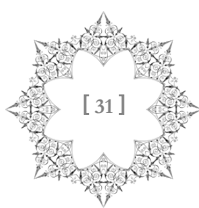
Arde aflito o que uma vez era prazer,
E em lágrimas secas agora me encontro
após o soco no ouvido que nunca sentiu.

Errei em decifrar os sinais, ou simplesmente,
Tu erraste em mostrar muito sem nada sentir,
Ou fui eu que em esperança me trajei novamente
Em branco, por ser transparente, me mostrei
Vulnerável, a um sentimento tão puro, que
Às vezes de nada se cabe na realidade fria.

Nunca fui de me arder gratuitamente, sem
Fundamentos pra mim nem cabia só prazer, nem
Hoje, nem nunca;

Pra mim depois do desejo, vem com ele algo
Que vai além da matéria dura, vem a leveza,
A naturalidade do beijo, a vontade de permanecer;
Pra mim, as bocas quando de afagam, os olhos
Quando se tampam, se entrelaçam em confiança;

Ardeu em mim essa última chama entre nós,
Mentiria em negar que não gozei da plenitude,
Mas me consterno que sinto no peito uma agulha.



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O POEMA

O AMOR QUE TEMOS (PARA MINHA ESPOSA)

POR JAFF SILVA

Jaff Silva nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>). As versões em português, inglês, francês e espanhol estão na forma digital. Versões bilíngues (português/língua estrangeira) foram publicadas como brochuras. Vários REELS de poemas estão disponíveis no Facebook (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst) e no Youtube (@jaffkamphorst).

O amor que temos na alma
É o nosso jardim de flores,
Que floresce com calma
E te encanta aonde fores.

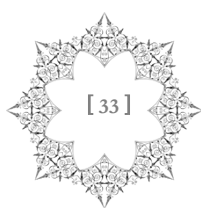
Este amor que temos
Teceu cada pétala de flor,
Criando o aroma e a cor,
Do nosso poema de amor.

Mesmo dores que perduram
Fomentadas pelas lágrimas,
Criam espinhos de lástimas
Que com os anos se depuram.

Mas os espinhos mais duros
Marcam a alma com cicatrizes
Onde crescem botões puros
De todos os matizes.

Com os anos, o aroma é sereno
E o corpo busca o gesto brando.
O amor vai se reinventando
No perfume raro e ameno.

A vida passa...
O amor resiste.
E os botões insistem
Em desabrochar
Das cicatrizes
Para a felicidade
Que sempre existe.



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O POEMA **ONDE ESTÁS?** POR MIZÉ

Maria José Martins Nunes Henriques, nasceu em 1938, numa pequena aldeia do concelho do Bombarral, distrito de Leiria. Cedo revelou um dom inato para as artes: tinha uma voz inesquecível, escrevia e pintava no silêncio da noite e de qualquer coisa fazia uma refeição saborosa e especial. Os melhores tempos da sua vida foram passados em Lourenço Marques, onde gostava de ter ficado, não fosse filha única e o pai não aceitasse tal pedido.

Fez parte de uma geração de mulheres que não podiam concretizar os seus sonhos e, assim, nas pequenas tarefas e responsabilidades do quotidiano foi encontrando forma de expressar a sua peculiar criatividade e voar nas asas dos sonhos. Mais tarde, transferiu para a pintura e para a escrita tudo o que habitava na sua alma para que alguém, um dia, pudesse apreciar e ler as suas mensagens.

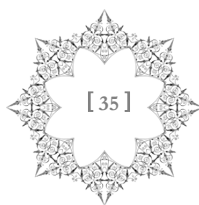
Onde estás Sol que me aqueces?
Onde estás ó rouxinol
que me encantas com as tuas melodias?

Onde estás peregrino solitário
que me ajudas a trilhar o caminho
tão árduo que é o da vida?

Onde estás criança amiga e dócil
(o seu nome é Bá)
que me contagias com o teu sorriso
e me dizes “Zé, aprende o poema, puxa pela memória?”

Onde estás colina
que me ajudas a subir para o alto,
Tu que estás mais perto do firmamento celeste?

Sempre, onde quer que eu esteja
lembrem-se de mim...



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O POEMA ***ACREDITA E AMA, SEMPRE!*** POR MIZÉ

Maria José Martins Nunes Henriques, nasceu em 1938, numa pequena aldeia do concelho do Bombarral, distrito de Leiria. Cedo revelou um dom inato para as artes: tinha uma voz inesquecível, escrevia e pintava no silêncio da noite e de qualquer coisa fazia uma refeição saborosa e especial. Os melhores tempos da sua vida foram passados em Lourenço Marques, onde gostava de ter ficado, não fosse filha única e o pai não aceitasse tal pedido.

Fez parte de uma geração de mulheres que não podiam concretizar os seus sonhos e, assim, nas pequenas tarefas e responsabilidades do quotidiano foi encontrando forma de expressar a sua peculiar criatividade e voar nas asas dos sonhos. Mais tarde, transferiu para a pintura e para a escrita tudo o que habitava na sua alma para que alguém, um dia, pudesse apreciar e ler as suas mensagens.

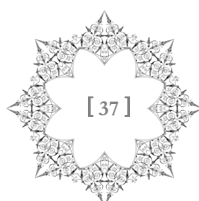
Seria bela a Primavera da vida!
Os jardins sempre a florir
Os sonhos das crianças fossem rosas
Que a vida fosse o Sol a sorrir!

Meu amigo!... Meu irmão!... Tu que sofres!...
Agarra a vida, sorri!
Em cada momento que passa
Deus está junto de ti!

Acredita numa manhã de sol
P'ra viveres junto dos teus!
Vive intensamente o hoje,
O amanhã pertence a Deus!

Como um rio de água doce
Como borboleta a esvoaçar
Assim seja o teu sentimento
pelos amigos que tens de amar!

Ama até ao fim,
ama incondicionalmente
porque só assim é amar!
Amar sofrendo?
Amar cantando?
Amar calando?
Sim, mas sempre viver para amar!



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O POEMA ***AMAR: VERBO TRANSITIVO*** POR NATÁLIA DANTAS DE OLIVEIRA

Natália Dantas é cristã, residente em Brasília/DF, advogada e especialista em Direito Processual Penal, defensora de grupos vulneráveis e dos direitos fundamentais. Para além do mundo jurídico, é apaixonada por poesia e amante de autores clássicos e romancistas como William Shakespeare e Machado de Assis. Acima de tudo, crê que cada verso que escreve nasce do coração do maior autor do universo: Jesus, fonte de eterna inspiração.

Amar é fazer. Quem ama faz, age.

Amar é estar. Estar perto, mesmo que de longe.

Amar é verbo transitivo. Não há sentido completo e exige complemento.

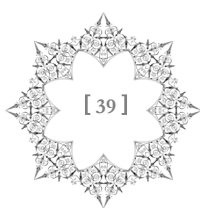
Amar é ser. Estar. Fazer. Mudar. Transformar.

Quem ama é ser intencional, dotado de emoção, mas também de razão, fruto dAquele que é o próprio verbo amar.

Certa vez me perguntaram: “Como é possível amar aquilo que não é amável?”. Respondi: “Todos são dignos de serem amados. Não existe algo não amável, pois o amor sempre encontra um caminho.”

Eu relembro esse dia e penso: o amor abre caminhos e rompe estereótipos. Aliás, o amor é o caminho. Vai além da racionalidade humana. É dom divino.

E então chego à conclusão que amo! Amo de-ma-si-a-da-men-te! E ainda que tivesse tudo o que tenho, se não tivesse amor, eu nada seria, pois parte de mim é amor e, afirmo, com convicção, a outra parte também é.



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O CONTO ***ATÉ QUE A MORTE NOS UNA*** POR PAULA SOLEDADE DOS SANTOS

Paula Soledade é autora e professora, unindo literatura e educação em sua trajetória. Apaixonada por palavras, dedica-se à escrita de contos, minicontos e obras autorais, explorando temas do cotidiano com sensibilidade e crítica. Seu livro infantil Mamãe, de onde eu venho? reflete sua busca por narrativas que dialoguem com leitores de diferentes idades. Além da escrita, atua como educadora, valorizando a criatividade como ferramenta de aprendizagem. Inspira-se em música, cinema e experiências pessoais para transformar ideias em histórias que tocam e provocam reflexão.

Eu li um livro, uma vez, que dizia que uma boa maneira de eternizar a lembrança de alguém que já se foi é escrever sobre ela. Palavras podem ser mais sinceras que fotografias e mais reconfortantes também. Por isso começo a escrever este texto para alguém que já se foi, mas que também nunca existiu.

Apesar de ser baseado em pessoas reais, pode ser considerado ficção. Mas afinal, o que são as histórias de amor senão narrativas sobre personagens que só existem na nossa cabeça, superidealizados e criados para atender todas as nossas expectativas?

E esta começa ainda mais estranha, pois é sobre um amor que só foi compreendido depois que ele jamais poderia acontecer — após a sua morte.

Sim, foi durante o luto que percebi que nutria sentimentos mais fortes do que eu queria externalizar. Me vi pensando em situações hipotéticas que nunca mais poderiam acontecer. Me peguei tendo sonhos de um futuro de nós dois que nunca poderia existir. Chorei ouvindo músicas que me lembravam “você” .

Eu vivi um luto por algo que não vivi, um luto por uma versão de alguém que eu inventei e por quem me apaixonei. Então, como essa história de amor já começou pelo fim, eu vou aqui inventar um começo para ela.

Eu poderia começar essa história como um dorama: nós dois nos esbarrando na porta da escola, você pega meus livros, me olha nos olhos e nos apaixonamos. Só depois de uns dez capítulos bem longos nos beijaríamos. Mas acho que isso não combina nem um pouco comigo. Minha timidez jamais me permitiria esse contato visual tão profundo. Meus livros sempre vão na mochila. E nossa diferença de idade não permitiria que a gente se esbarrasse na saída da escola, como estudantes.

Então, vamos tentar algo mais real. Como as pessoas se conhecem hoje em dia? Internet? Aplicativo de namoro? Como seria meu perfil?

PAULA, 20 e poucos anos, beleza mediana, a estranha da escola.

Não. Acho que não daríamos match num aplicativo desses. A verdade é que somos bem diferentes.

Poderia ser através de amigos em comum. De repente, numa festa: eu, depois de beber algumas taças a mais, me acabando na pista de dança. Depois, sento num canto, perto da janela, para recuperar o fôlego e recarregar a bateria (preciso de um tempo sozinha a cada tempo de interação social). Você chega, quebra o clima com alguma coisa engraçada. Eu rio. Você se oferece para pegar mais uma bebida. Eu não aceito, já estou

de boa e indo embora. Você se oferece para me levar em casa. Eu aceito (afinal, não somos completos desconhecidos).

No carro, falo pouco. Nunca soube começar conversa fiada, sempre fui uma negação para isso. Você, ao contrário, inicia conversas com facilidade e logo se aprofunda. Eu — bêbada — adoro filosofar. Você acha inteligentes as minhas colocações e diz que sempre me achou interessante.

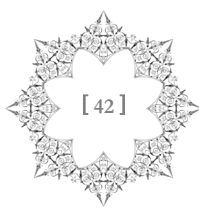
Chegamos à minha casa. Você para o carro em frente ao portão. Eu enrolo para abrir a porta, saboreando o clima pré-beijo que está no ar. Você olha para mim, dá um sorrisinho de quem pede permissão para se aproximar. Eu sorrio tímida, concedendo-a. Você põe a mão no meu queixo e me puxa levemente até encostar lábio em lábio. A magia do primeiro beijo. O clima esquenta, eu te chamo para entrar — e o resto não cabe contar aqui.

Uma história de amor costuma ter um início empolgante, um fim melancólico e um meio entediante. O cotidiano, afinal, é um maravilhoso tédio. A delícia do dia a dia está nas repetições conhecidas e confortáveis.

Por isso consigo inventar um começo para a nossa história, mas não um meio. Não tem como inventar tudo que acontece depois do primeiro beijo, da primeira transa, da primeira briga, das conversas no celular, da ansiedade pelo fim de semana, das discussões, das desculpas, das descobertas, dos sonhos juntos.

A vida é muita para caber em poucas linhas. Mas fico feliz por ter conseguido dar um começo à nossa história.

Um início inventado para um fim real.



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O CONTO

A NOITE QUE O TEMPO ESQUECEU

POR ROBERTO SCHIMA

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado em concursos da Conexão Literatura - com a qual colabora desde o nº 37 -, Ed. Arame Farpado e Ed. Mhajulla. Colabora também com a revista LiteraLivre. Participou de quatrocentas e três antologias. Escreveu: "Limbographia", "Cinza no Céu", "Era uma Vez um Outono", "Vozes e Ecos", "A Voz do Oceano" etc. E-mail: schimaroberto@gmail.com

Foi em meados de um inverno muito frio.

A noite havia caído e, através da vidraça, eu percebia o insinuar do vento em meio aos galhos das jovens araucárias. As luzes amarelas dos postes não conseguiam sobrepujar a escuridão. Com o rosto encostado no vidro, sentia o gelado do ar em minha testa, nariz e bochechas. O vidro era uma barreira entre mim e os mistérios da noite a perambular nas ruas, praças e becos.

O mundo era grande e mágico aos olhos de uma criança.

Às vezes, metia medo; noutras, fascinava.

Eu nunca vira neve até então.

Naquela noite, porém — devido às mudanças climáticas diriam uns, pelos poderes de fadas e magos diria eu —, o céu escuro a fez verter das alturas feito gotas de algodão.

Fiquei maravilhado.

— MANHÊÊÊ! PAIÊÊÊ! — gritei.

Eles também se surpreenderam. Então, diante de meus olhos, vi acontecer outro tipo de mágica: transformaram-se em crianças. Seus sorrisos, suas vozes encantadas, seus gestos de deslumbramento. Nunca imaginara que tal coisa pudesse existir dentro deles, cujas personalidades normalmente eram sérias e práticas, sem lugar para a poesia.

— Podemos sair para ver? — perguntei, temendo um não.

— Claro! — respondeu minha mãe. — Mas deixa eu cobrir você. Tá muito frio!

Era uma vila tranquila e, em geral, todos conheciam uns aos outros. A maioria teve a mesma ideia, afinal, quando na vida teriam outra oportunidade como aquela?

Neve!

Sai de pulôver, casaco, capuz, luvas, calça de pijama, calça de passeio, duas meias em cada pé e botas. Mal conseguia me mover. Devia me assemelhar a um pinguim caminhando na Antártida. Todavia, não me queixei, afinal, a magia branca a cair do céu preto era maravilhosa demais para que qualquer coisa me desanimasse.

A neve caiu sobre meu rosto. Abri a boca. Depois de algum tempo, fiquei um pouco frustrado por não sentir gosto algum. Talvez esperasse algo como *chantilly* ou açúcar de confeitiro. Ah, inspirei fundo e trouxe a noite, o inverno e a neve para dentro de mim!

De súbito, tive uma ideia que vira num desenho animado.

Eu nunca sentira tanto frio na vida, mas tamanha era a minha felicidade que não me detive por isso. Ajoelhei-me e comecei a juntar montinhos brancos, formando um monte maior. Queria fazer um boneco de neve. Às vezes, olhava ao redor, procurando por meus

pais. Eles pulavam e riam, jogavam bolas de neve um no outro, momentaneamente livres de contas a pagar e sonhos desfeitos. Eu nunca os vira tão animados. Pensei que fazia parte do feitiço da neve também. Desejei que a neve nunca deixasse de cair.

Foi quando surgiu uma menina. Tossiu e disse:

— Posso brincar com você?

Sim, em geral, os vizinhos conheciam-se uns aos outros. Eu sabia que ela morava do outro lado da rua, numa casa modesta. Nunca tivera oportunidade de conversar com ela. Sua família era bastante pobre e, talvez por isso, pouco se relacionasse com as demais famílias, optando por ficar isolada dentro de casa das vezes que não saíam para trabalhar. Mesmo agora, com a neve, seus pais não vieram para fora, preferindo observar através da janela. Meu pai dizia que eram orgulhosos demais para pedir favor. Talvez o orgulho fosse a única riqueza com a qual pudessem contar.

— Pode — falei, sem acreditar.

Eu observara essa menina, não uma, mas diversas vezes. Fiquei hipnotizado. Ah, se ela soubesse... Se tivesse dito para eu mastigar pedra tê-lo-ia feito, pois, embora criança, de um oceano inteiro de distância representado pela rua, eu já a admirava, espremendo meu nariz no vidro enquanto ela ia sozinha na padaria.

Agora, queria perguntar seu nome, contudo, a timidez me impediu. Desinibição nunca fora o meu forte. Entre a molecada eu era tido como um caladão esquisito.

De soslaio, olhei para ela e seus cabelos cacheados ao vento.

Ela me fitou direto nos olhos e sorriu.

Fiquei todo retraído, mas aquecido por dentro.

Porém, percebi que suas roupas não eram adequadas o suficiente diante do frio. Usava somente uma blusa de lã vermelha, gasta nos cotovelos. Não tinha gorro nem luvas. Em vez de calçados apropriados, sandálias.

Esforcei-me por perguntar:

— Não tá com frio?

— Tô feliz.

Não era bem a resposta que eu esperava. Não insisti. Como seus olhos brilhavam!

Assim, juntos por obra de uma noite mágica, do inverno, do céu e da neve, erguemos com nossas mãos pequeninas um boneco de neve. Ele era tão perfeito quanto as garatujas que crianças de cinco anos rabiscavam no papel e diziam ser o papai. Se me afirmassem isso, eu ficaria ofendido, magoado de verdade, afinal, parecia-me um boneco muito bom, o melhor do mundo. E eu já contava oito anos!

Enquanto a menina finalizava a obra, corri para casa.

— Vê pegá azeitona pros olhos e cenoura pro nariz!

Ela sorriu, esquentando-me outra vez por dentro.

Não tinha cenoura, então, trouxe uma mandioquinha. Além disso, pegara um vidrinho com tampa. Sem que ela percebesse, apanhei um montinho de neve que ela acabara de grudar no boneco. Enfiei o máximo que pude dentro do vidro, fiz força para fechar a tampa e guardei no bolso do casaco.

— Tá pronto! — falou ela, contente.

Vi-a tossir e esfregar as mãos pequenas.

Eu quis perguntar outra vez, devia ter perguntado.

Em vez disso, admiramos nosso boneco, inflados de orgulho.

Pensei comigo diversas frases e expressões para demonstrar minha felicidade e gratidão por sua ajuda, seu sorriso, seu calor. O melhor que pude fazer foi bater palmas. Saltitamos e gritamos ao redor do boneco feito crianças que éramos e em meio às crianças que os adultos tinham se tornado.

Algun tempo depois, sua mãe abriu a janela e gritou para ela entrar em casa. Por causa do vozerio de meus pais e dos vizinhos, bem como o vento através dos pinheirais, não entendi o nome. Eu estava prestes a perguntar a menina qual seria quando ela, sorridente e de bochechas vermelhas, ergueu sua mão pequena e acenou-me.

— Tchau! — falou, correndo e agitando os cachos castanhos.

Sumiu no vento, na neve, na noite escura.

— Tchau — respondi, mas ela não me conseguiu escutar.

Quando amanheceu no dia seguinte, a neve havia derretido e transformado a rua sem asfalto num lamaçal. O dia estava nublado, frio, cinzento e assim continuou, chovendo vez ou outra num crepitar tristonho.

Através da janela, tentei achar o boneco, mas só vi a mandioquinha e as azeitonas espalhadas e pisoteadas na rua.

Procurei a casa dela do outro lado, mas a bruma só permitiu ver silhuetas difusas. Mesmo após o nevoeiro ter ido embora, tudo o que avistei foi a casa simples de alvenaria completamente fechada, inclusive as janelas. Não vi mais movimento por lá. Nunca mais encontrei a menina depois daquela noite de neve. Então, foi assim que a batizei: Neve.

Soube mais tarde que ela apanhara uma gripe, a qual progredira para pneumonia e, por fim, tuberculose. Eram nomes difíceis para mim. Tudo o que entendi era que ficara

doente, como da vez que eu apanhara catapora, outro nome complicado para significar febre, remédios e cama.

Neve morreu durante o final do inverno, quando as noites eram mais gélidas e estreladas, e a Lua cobria os telhados em mortalhas de prata.

Fiquei com um aperto enorme no peito. Na época, não soube explicar. Meus pais — adultos de novo — estranharam minha quietude além da habitual. Limitei-me a dar de ombros e me esconder no quarto junto aos carrinhos, soldadinhos e blocos de montar.

Quanto ao vidrinho, tudo que o restara dentro dele fora um punhadinho de água. Qualquer um diria se tratar de uma besteira, todavia, conservei-o durante o restante dos anos da infância, da adolescência, da juventude. Mesmo depois de adulto, quando já formara minha própria família e meu filho de oito anos brincava de *videogame*.

Não era só um tiquinho de água.

Era a magia feita de alegria e sorrisos.

Era ela, minha vizinha do outro lado da rua.

Era a neve daquela noite que o tempo esqueceu.



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O POEMA ***O QUE FALAM AS MINHAS LÁGRIMAS***

POR ROMÃZINHA MARIA

Romãzinha Maria, cidadã portuguesa, cedo revelou um enorme gosto pela leitura e pela escrita. Adorava escrever composições, em especial sobre a Natureza – flores, animais e sobre o mar. É professora há cerca de 40 anos, leccionando turmas do ensino básico e secundário, numa escola da periferia de Lisboa. Participa em diversos projetos dos Programas Erasmus e Escola Azul, este último direccionado para a Literacia do Oceano. Nos tempos livres adora ler, escrever, fazer manualidades e estar perto do mar.

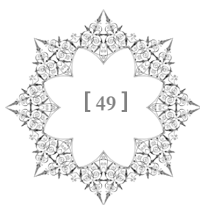
Que língua falam as minhas lágrimas hoje:
Dor, tristeza, saudade
ou ecos de felicidade?

Qualquer que seja a mensagem
será sempre uma parte de mim
que como um rio procura o seu caminho,
entre pedras, contornando obstáculos,
sem nunca abandonar o seu propósito.

Sorri verdadeiramente, vivi intensamente,
amei sem limites
e isso deixa-me extasiada, embriagada
por tudo o que contigo conheci.

Seria expectável que continuasse a sorrir
não obstante escolhas que nem sempre foram minhas.
Mas o meu coração triste e magoado,
ainda que consciente dos limites,
decide que não quer sofrer mais
opta por ficar longe.

Porque dói tanto querer estar presente
de uma forma fisicamente ausente,
Porque o amor tem vontade própria
conhece como se proteger
e sabe que o será para sempre!



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O POEMA

BLÁ

POR SELMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.

Resposta

Expressão

Balbuciamiento

Gemido

Riso

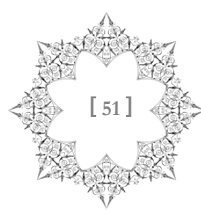
Descaso

Desconsideração

Descompostura

Faltando

Amor



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O POEMA **SAUDOSA CONVERSA SOLTA** POR SELMA LUANNY

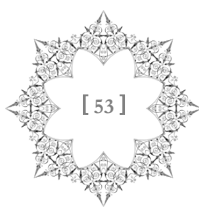
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.

Além da presencial
xícara de café
num canto cativo
de uma tranquila sala,
aqueles descompromissados
encontros
demasiado marcaram
para não serem lembrados.

Agora... da serena presença...
a distância... a ausência...
o lembrar da vida
a fugacidade...
momentos preciosos e frágeis
dourados mas transparentes...
quando da mão, forte e segura
suposta, esvaem.

Nada é para sempre...
nunca, eterno!
Nada é próprio... só emprestado.
A duração de uma
preciosa convivência, um bônus...
que se perdido... saudades!

Etapas e fases da
humana jornada...
Nem sempre escolhidas
ou absolvidas...
predeterminadas
ou asseguradas...
mas delas... enquanto
permite a estação...
cada segundo...
apreciado.



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O CONTO ***A LOJA DOS BIBELÔS ENCANTADOS*** ***(RECORDANDO PAPAI)*** POR SHEILA SACKS

Jornalista formada pela PUC/RJ. Trabalhou em Assessoria de Comunicação Social no serviço público de 1982 a 2024. É autora do blog Viajantes do Tempo – Voyagers <https://sheilasacks.blogspot.com/> com mais de 200 artigos de pesquisa a partir de notícias e datas que impactam as sociedades.

Sentada no banquinho de madeira nos fundos da loja, eu olhava fascinada papai desenhar as letras e os números nas páginas do livro-caixa encadernado com uma brochura azul marinho. As palavras eram escritas metricamente em cima das linhas, com arabescos que as tornavam mágicas. Os valores numéricos também pareciam desenhos ornamentais que mexiam com minha imaginação.

O pequeno escritório, protegido por um balcão arredondado onde ficava a imponente máquina registradora de metal, abrigava uma escrivaninha com tampo de vidro, um armário, a pequena geladeira e duas cadeiras, uma delas maior, de madeira clara envernizada, com apoio para os braços. Sobre a mesa ficavam o bloco de notas e o telefone preto que a primeira chamada papai já atendia de forma elegante com a voz única que todos elogiavam. — Casa Carlos, boa tarde!

A mesa também comportava um pote bojudo de couro no qual estavam três lápis pretos de meticulosas pontas finas e duas borrachas parecendo goma de mascar, em suas cores laranja e azul, e mais o xodó de papai, o estojo de camurça marrom forrado em seu interior de seda bege, onde era guardada a caneta-tinteiro Parker usada para assinar documentos e recibos.

A loja tinha duas portas altas geminadas na entrada e uma vitrine na qual eram exibidos painéis e faqueiros na parte de baixo, e nas prateleiras superiores a “prata da casa”: jogos de pratos, xícaras e sopeiras de porcelana inglesa; copos e taças de cristal lapidado da Boêmia; vasos coloridos de vidro Murano; e, para o meu prazer infinito, os incríveis bibelôs de porcelana alemã de Dresden, explicava papai, que reproduziam cenas galantes do tempo de Luiz XV, quando os casais dançavam em jardins monumentais, as damas de vestidos rendados e seus pares de jaquetas e coletes bordados.

No lado direito da loja onde armazenavam os materiais de construção, as gavetinhas repletas de pregos, dos mais variados tamanhos, me mantinham fascinada. Observava “seu Silva” examinando com rigorosa atenção o comprimento e as dimensões certas de cada preguinho conforme os pedidos dos clientes e depois pesá-los na pequena balança de pratos de metal, um deles para colocar a mercadoria e no outro os pesos de diversos tamanhos.

No balcão do lado esquerdo, papai comandava as vendas das louças, sempre gentil no atendimento e distinto em suas camisas sociais de algodão de cores claras e calças de linho. Os meus amados bibelôs, ao lado de outros enfeites de porcelana e cristal, ficavam expostos luminosamente nas compridas prateleiras no centro da loja. Ao fundo, no galpão, as folhas de madeira ficavam empilhadas por tamanho e espessura, e uma enorme balança de ferro servia para pesar os volumosos sacos de cimento e outros materiais ensacados.

Meu irmão passava todo o tempo nessa área da loja. Ele acompanhava o encarregado subir nas pilhas de madeira, escolher a que considerava mais adequada e depois descer para serrar na medida certa. E, compenetrado, ajudava a arrumar os sacos menores de pó de gesso que ficavam a alguns metros de um pequeno banheiro.

Algumas tardes, depois da escola, nós visitávamos papai na loja. Essa atividade contava como um passeio especial, apesar de morarmos na mesma rua. Tínhamos que atravessar a avenida principal onde trafegavam o bonde e as lotações para alcançar a loja que ficava próxima à estação de trem.

Adorávamos esse passeio e na nossa chegada papai largava o que estava fazendo e nos abraçava, sem esquecer, porém, de apontar para o enorme relógio redondo na parede, perto do galpão. – Crianças, quando marcar 4 horas, vocês se despedem e voltam para casa. Combinado?

Balançávamos as cabeças concordando com o veredito, já esperando a recomendação que viria logo em seguida. – Com as mãozinhas comportadas. Não mexam em nada, dizia, olhando para nós com aqueles olhos cor do céu por trás dos óculos redondos de aros dourados.

Mas, diante da formosura e graciosidade dos bibelôs, essa assertiva era difícil de cumprir. Só os olhos não davam conta de tanta doçura. Desejava tê-los para mim, tocá-los, acariciá-los em seus contornos emoldurados por flores, passarinhos e querubins.

Uma noite, na volta para a casa, papai trouxe uma caixinha de música de madeira escura e a colocou sobre o buffet. Após o jantar, abriu com cuidado a tampa e uma mimosa bailarina de saiotê rosa surgiu em meio a um forro de cetim escarlate e um espelho redondo ao fundo. Papai girou várias vezes a pequena manivela dando corda como fazia todas as manhãs no relógio que usava no pulso. Como por encanto a bailarina

começou a girar suavemente sob um fundo musical que muitos anos depois descobri ser uma canção de ninar do compositor Johannes Brahms.

A meu pedido, papai acomodou a caixinha de música aberta, com a bailarina à vista, ao lado dos três bibelôs que ele trouxera para a casa devido a pequenos defeitos. O conjunto ficou ainda mais destacado na majestosa cristaleira da sala, um móvel alto de madeira maciça com ornamentos entalhados e portas de vidro. Lá estavam o aparelho de porcelana de doze pratos e xícaras hexagonais com bordas prateadas, e os copos, taças e cálices com desenhos em alto relevo usados nos almoços da páscoa e do ano novo judaicos.

Uma noite acordei com um som que, a princípio, pensei vir da rua. Pulei da cama e pela janela do quarto vi uma lua cheia, redonda e brilhante no céu noturno. Percebi então que o som vinha da caixinha de música e corri para a sala. Uma claridade prateada iluminava a cristaleira onde a pequena bailarina dançava rodeada pelos alegres bibelôs. Estes se movimentavam graciosamente ao som da música e as damas e os cavalheiros de louça pareciam felizes com a novidade.

De manhã contei ao papai o que aconteceu à noite. Estava radiante e ofegante. Ele me ouviu em silêncio e logo achou uma explicação, com sua voz mansa e pausada. A corda deve ter se soltado e a trepidação fez os bibelôs se mexerem, argumentou.

— Mais tarde dou uma olhadinha na engrenagem, disse, balançando minhas trancinhas arrumadas para ida à escola.

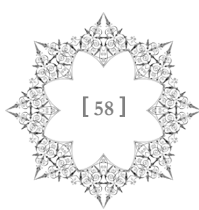
Os anos se passaram, trocamos de casa e de bairro, o mobiliário antigo substituído por outro mais contemporâneo. Uma tarde, vendo papai em sua poltrona preferida, absorto nas páginas de um livro, me lembrei dos bibelôs que dançavam e compreendi como papai foi sábio e generoso. Isso porque em nenhum momento ele questionou minha história, opinando que poderia ser fruto da minha imaginação ou simplesmente um sonho. Nem tampouco considerou que fosse um engano ou uma bobagem de criança. Eu tinha oito anos, era uma menina tagalera e inquieta. Papai ouviu o que eu disse e atencioso procurou uma resposta dentro da lógica de um adulto.

Apesar disso, durante um bom tempo eu tive a grata sensação de que os bibelôs encantados, de maneira extraordinária e inexplicável, talvez sentindo o imenso amor que eu tinha por eles, ganharam um breve sopro de vida e, sob a noite enluarada, dançaram

radiantes na cristaleira. Dois anos depois, para meu desalento, os três ornamentos não resistiram às mãos pesadas dos carregadores do caminhão de mudanças. Papai ainda tentou colar as pequenas figuras, mas sem sucesso porque alguns pedaços se perderam.

Restou solitária a dançarina na caixinha de música que sobreviveu mais alguns anos até que a ferrugem corroeu o mecanismo da corda e os pinos que a sustentavam. Da loja, enfim, não sobrou nenhum bibelô para dar vida à nova cristaleira, agora de madeira em tom vinho e embutida na parede.

Porém, afortunadamente, a sensação de magia, acompanhada da alegria e entusiasmo tão próprios do mundo infantil, não se perdeu nos intrincados ramais do tempo. Muitas noites, quando o vagão da memória me leva à singular figura de meu pai e à extraordinária loja de bibelôs encantados, cerro os olhos devagar e me entrego, em devaneio, a esses felizes instantes de saudade e gratidão.



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O CONTO ***BEM-VINDOS AO PARAÍSO (RECORDANDO MAMÃE)*** POR SHEILA SACKS

Jornalista formada pela PUC/RJ. Trabalhou em Assessoria de Comunicação Social no serviço público de 1982 a 2024. É autora do blog Viajantes do Tempo - Voyagers <https://sheilasacks.blogspot.com/> com mais de 200 artigos de pesquisa a partir de notícias e datas que impactam as sociedades.

Quando papai comprou um *Plymouth* de duas portas, a minha vida mudou. Eu tinha sete anos e morávamos em um ponto esquecido à esquerda da linha férrea que cortava a zona norte do Rio. O carro seminovo tinha cromados reluzentes, pneus de bandas brancas e assentos de couro na cor marfim. Papai mostrou a novidade em uma tarde de primavera e mamãe, radiante, beijou-o no meio da calçada. No domingo, de vestido florido, batom vermelho e sandálias de solado alto, ela anunciou que íamos ao Cais do Porto, no centro. Felizes, meu irmão e eu colamos os narizes na janela do veículo que avançava pelas ruas margeadas pelo casario urbano.

No cais, o navio enorme causava espanto. Sobreviventes da Guerra, dois primos de papai chegavam da Europa. Os rapazes desembarcaram do imenso cargueiro equilibrando-se em uma estreita escada de corda. Usavam casacos pesados e pareciam assustados. Papai abraçou-os e sussurrou qualquer coisa em *íídiche* (dialeto falado pelos judeus na Europa). Mamãe traduziu a saudação, estendendo-lhes a mão. – Bem-vindos ao paraíso – disse em voz alta, despertando a atenção das pessoas no píer.

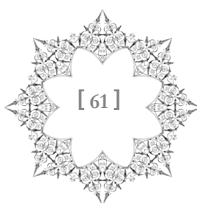
Nos dias posteriores uma chuva persistente entristeceu a semana. Pedi aos céus para o tempo melhorar. Em uma manhã acordei com o sol no quintal. A claridade me cegava, mas assim mesmo eu teimava em encarar o sol. – Vamos à praia no domingo – exclamei confiante, enquanto mamãe bordava. – Desta vez de carro – insisti ao perceber um olhar maroto em minha direção. Suas unhas ovaladas e perfeitas, impecáveis no esmalte vermelho, me fascinavam. Assim como os lenços coloridos que davam um toque cigano aos seus cabelos escuros.

Semanas depois, enchendo o baldinho de areia na praia, escutei os primos de papai anunciarem a novidade: fariam *aliá* (palavra hebraica para imigração). O recém-criado estado de Israel precisava de gente para arar a terra e jovens para defendê-lo, justificavam. Mamãe traduzia as frases e eu percebia o entusiasmo com que falavam sobre a gloriosa vida que teriam no novo país. Sem me conter, imitei minha mãe abrindo os braços para o mar que espumava sobre a areia. – Mas o paraíso é aqui ! – disparei. Mas os jovens pareciam não entender, abrigados sob o guarda-sol de gomos coloridos. Ao meu lado, esguia em seu maiô preto e chapelão de ráfia, mamãe sorria, balançando a cabeça de modo afirmativo.

Naquele verão de 1953, papai iniciou um novo ritual aos domingos. Acordávamos cedo, entrávamos no carro e seguíamos para Copacabana. O prédio escondido pelos tapumes estava sendo finalizado. Enquanto ele conferia o avanço nas obras do futuro apartamento, ficávamos no carro. Mamãe, no banco da frente, abanava-se com o leque japonês não escondendo a impaciência. Após uma espera que parecia durar horas, papai surgia na calçada. Com um suspiro de alívio, mamãe saltava fora do carro e lá íamos caminhando pela rua arborizada rumo à praia. – Um sonho antigo, esse de morar em Copacabana – confidenciou mamãe ao telefone, em conversa com uma prima.

E assim foram se passando os meus domingos. Como um pequeno milagre, o domingo de praia se incorporou aos hábitos da família, agora instalada no novo apartamento e surpreendida pela auspiciosa chegada de um bebê. Problemas e discussões podiam esperar. Compromissos, visitas e encontros eram adiados. Andar pela areia úmida, estirar os corpos ao sol e se banhar nas águas geladas redimiam as agruras da semana. Esquecido na garagem, o carro sem serventia foi vendido. A loja de ferragens no subúrbio, o ganha-pão de papai por três décadas, alugada ao empregado de confiança, conhecido de longa data. Para a vida prazerosa que papai imaginava, bastavam os livros da biblioteca municipal do bairro, a praia bela e generosa e, principalmente, a presença de mamãe. Dona de mãos de fada, cozinhava, bordava, pintava lindas paisagens e, se isso era pouco, tinha a pele cor de mate, olhos amendoados, um sorriso cativante e contava histórias fantásticas de sua Romênia natal. — Bety sempre teve uma memória prodigiosa — elogiava vovó.

Muitos anos depois, no final da década de 1980, mamãe e papai ainda se sentavam na areia para ler e namorar o mar. — Bem-vindos ao paraíso — eu lembrava a frase dita há tanto tempo na beira do cais. Papai, bem disposto aos 80, e mamãe, muito ativa aos 70, sorriam e se entreolhavam imaginando, talvez, um paraíso celeste bem parecido com aquele em que viviam, com muito sol, areia e mar, e onde todos os dias seriam domingos de praia.



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O CONTO *BAILES*

POR VANIA PERAZZO BARBOSA HLEBAROVA

Vania Perazzo - diretora, roteirista, produtora - tem raízes criativas fincadas nos contos populares e origens nordestina e italiana. Seu roteiro de longa "Por 30 Dinheiros" recebeu o Prêmio Humberto Mauro/1997 da UBES/Rio. Seus roteiros levam-na à literatura. Publicou pela Ideia Editora/João Pessoa: "Nas teias das Moiras"/2012 e "Berceuse"/2014 (seleção em editais Municipal e Estadual); "O Egito de Moisés"/2016, Chiado, Lisboa. Participou da coletânea "Quarentena"/2020, Chiado, Lisboa/SP. Segue com projetos para filmes e livros.

Maio. Chovia fino, a cidade envolta no nevoeiro. A esperança também. E elas com vestidos de organdi — última moda ou ecos do verão que se fora?

Iriam a festa ou não? — dúvida angustiante do dia: os vestidos jaziam sobre as camas à mercê de uma tia-avó: adoeceu em maio e piorou no sábado mais sonhado do mês: o da festa dos calouros.

— *Melhorou! Piorou!* — notícias. — *Dá pra ir! Melhor, não!* — opiniões. — *E o pior: nem a gente vai pra festa, nem ela morre!* — brado da mais jovem, revoltada, vendo seu primeiro baile transformar-se no velório de uma tia-avó que mal conhecia.

Tão bondosa, ela: tímida, sempre encolhida atrás dos braços cruzados, parecia um novelo de lã temendo a pata brincalhona de um gato imaginário; falava apenas o essencial exigido no seu cotidiano, entre missas e orações. E, de repente, como uma bomba, às vésperas do ansiado baile, ameaça a moçada de morrer.

— *Muito estranho, isso tudo!* — pensava uma; *Muito azar!* — pensava outra; *Talvez, com minha ausência, eu seja mais notada...* — pensava a melancólica.

— *Melhorou! Piorou! Melhorou! Piorou! Melhorou! Piorou!*

— *Dá pra ir! às 18h00; Melhor, não! às 19h00; Dá pra ir! às 20h00...*

— *E o pior: nem a gente vai pra festa, nem ela morre!* — repetiu a mais jovem, daquele que seria seu primeiro baile, lágrimas escorrendo pela face.

Finalmente, às 20h30:

— *Vão, se acontecer alguma coisa* — ou seja: se ela morrer — *vocês voltam pra casa.*

E foram. Empacotadas nos vestidos com babados, froufrous, faixas, laços, flores, tudo de organdi. Entraram na névoa fria e saíram no calor do baile, prontas para dançar.

Um primo, na casa de quem a tia morava, passava discretamente por elas, aproximava-se e cochichava misterioso no ouvido de algumas *tudo no mesmo!* Ou seja: *Pior! Melhor! Pior!*

Melhor: a tia-avó só morreu dias depois, sem perturbar o baile de ninguém.

2

A jovem em seu primeiro baile, esquecido o susto da tia ameaçando morte e luto, uma vez com o pé no salão, dançou. E com muitos rapazes, os babados brancos, com debrum de fita laranja, subindo e descendo ao sabor das músicas: o primeiro voo de uma borboleta deixando para trás o passado de larva e crisálida — era irmã da melancólica.

E claro que a melancólica também queria dançar envolta naquele organdi todo, parecendo bebê de realeza, em batizado... Melhor que ficar ao lado de outra melancólica —, intelectual e solteirona, amiga da família que deixara para trás anos não dançados — aliás, em meio a tanta organza, vestia veludo. Bebia whisky. Melhor, segurava um copo com a bebida para ocupar a mão, esboçando uma emancipação que não passava de poesias nunca publicadas. Era subversiva, mas isso não contava, sua subversão assemelhava-se à sua produção literária: travada.

Do meio do frenesi festivo, surgiu um colega da melancólica de organdi. Alto, magro, simpático, convidou-a para dançar. Ao entrarem no salão, a orquestra atacou o “*Ob-La-Di, Ob-La-Da*” dos Beatles.

Ele curvou-se para ela apoiar a mão esquerda no seu ombro; tomou com sua mão esquerda a mão direita dela; e apoiou sua mão direita no invólucro de organdi na sua cintura. E... e deram os primeiros passos. Só então ela notou que o caminhar desengonçado dele reproduzia-se na dança. Pois ele subia e descia como um cavalinho de carrossel; ao descer, tal como o cavalinho na sua engrenagem, fazia um brusco movimento — *Grunch!* — arrastando-a para um ou outro lado. Ao se deslocarem, a confusão era inevitável: um pisoteava o outro, mas apenas ela sentia o enorme pé do parceiro nos seus dedos, apertados na estréia de um sapato. E o sufoco, sacolejos, calor e suor aumentavam no refrão “*Ob-La-Di, Ob-La-Da*” que ele, suando a camisa, cantava desafinadamente. Enquanto isso...

Bom, enquanto isso o vestido de organdi dançava à parte, como se não lhe pertencesse: ao dar o sacolejo de cavalinho, quando os pés dele apoiavam-se no chão e os dela imitando os de uma bailarina, ela era impulsionada para o lado oposto ao desejado: o vestido de organdi revelava-se cúmplice do paletó e gravata, girava para o lado imposto pelo cavalheiro, enquanto o corpo por dentro do vestido não queria obedecer.

Nesse vaivém, sentia-se como um saco de batatas transportado por um caminhão sem freios, numa ladeira esburacada. A faixa que ornava sua cintura, fechada de lado com uma rosa também de organdi, na fricção organdi-organdi, deslizava acompanhando o vestido, porém mais rapidamente que este; e a faixa deslocava-se pela lateral esquerda dela, em direção às costas, tornando-a um pacote de presente, caprichado no embrulho. Além do mais, o vestido já bastante amarfanhado, era trespassado e fechado por um par de colchetes — a faixa era apenas um detalhe — e, caso não suportassem os solavancos, poderiam perder a função de manter o trespassado do vestido, que se abria na frente como a cortina de um teatro. E no refrão dos garotos de Liverpool “*ob-la-di, ob-la-da*” seu par, apenas com a gravata torta, vibrava; e o vestido rodava desvairado, seus babados tremulando como cristas de um dinossauro enfurecido. Antes de ser reduzida a quadro de Picasso, a banda fez uma pausa e os dois despediram-se com sorrisos de *quem sabe?*

Pouco tempo depois: “eles” o pegaram — era subversivo, foi preso, torturado e nunca mais se ouviu falar dele: morto?

Doze anos a mais, em curso de inglês, aprendeu que aquele refrão era uma frase comum da tribo africana Yoruba, significando “*Ob-La-Di, Ob-La-Da, a vida continua, irmão*”.

3

A melancólica solteirona, intelectual e subversiva em silêncio, não deixou de rir ao ver a melancólica jovem amarrotada no seu invólucro. Olhou para trás e viu seu amor eterno, entomologista, à caça de insetos, morto ainda jovem: doença de chagas. Nunca haviam dançado.

Ele, por achar a dança ridícula para a ciência; ela, porque fora “Filha de Maria”* por imposição da mãe. Recordava entre a ironia e amargura quando, no seu quarto, dançava de bolero a balé. Nos bailes de antanho, nenhum rapaz ousava convidar “Filha de Maria” para uma dança e ela permanecia alheia ao que se passava ao seu redor. Naquele baile organza, ela era muito veludo para dançar.

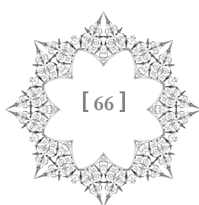
Permanecera “Filha de Maria” atéia e no amor eterno, como uma borboleta das coleções dele, presa por um alfinete.

Bailes Depois

A vida tratou-as como baile. A melancólica de organdi guerreava nas danças furacão em *moto perpetuo*. A melancólica solteirona conformou-se, revoltada, em crisálida. Mas agora pode dançar. Pode, não: deve! A melancólica do baile de organdi soube que a de veludo, uma vez, guiada para a pista de dança por um cavalheiro, este enlaçou-a pela cintura, tomando sua mão frágil e trêmula, acrescentando *quis tanto dançar com você, Filha de Maria...* — sem evitar uma sonora gargalhada. Assim, ela segue salão afora, a música bem longe, o *pensamento borboleta*. Aliás, foi seu médico que prescreveu a dança como medicamento: *as pessoas com Alzheimer devem dançar...*

E naquele “Baile da Melhor Idade”, a orquestra atacou com o “*Ob-La-Di, Ob-La-Da, life goes on, bra.*” - “*Ob-La-Di, Ob-La-Da, a vida continua, irmão...*”

* Associação Católica que interditava a dança a suas associadas.



PARA SEMPRE

APRESENTAMOS O CONTO ***DIAMANTE EM CINQUE TERRE*** POR WALDIR LEITE ROQUE

Waldir L. Roque, com formação acadêmica na área de ciências exatas, atuou como professor universitário e pesquisador. Escreveu livros e artigos técnicos, além de inúmeras crônicas e artigos de opinião para diferentes veículos de comunicação. Nos últimos anos vem se dedicando à escrita literária, tendo em 2022 lançado os livros Conto em Contos e Cavalgada Aparados da Serra: memórias, fatos, fotos e causos, na feira do livro de Porto Alegre.

Quando chegaram à estação de *Monterosso al Mare* em *Cinque Terre* — Cinco Vilas — era o começo da tarde. O sol estava gostoso no início do verão e tudo estava sendo preparado para a grande estação do ano, naquela região de escarpas que se projetam sobre o mar da Ligúria, na Itália.

A viagem tinha se originado em Bolonha, quando pegaram a *frecciarossa*, um trem de alta velocidade. Estavam preocupados porque haveria uma conexão imediata com outro trem em Pisa. A flecha vermelha chegou no horário à estação central da cidade. Desceram às pressas e correram para a plataforma de onde partiriam para *Cinque Terre*. Não foi tão fácil porque puxavam malas com rodinhas e tinham mochilas penduradas às costas. Para Júlia, a tarefa ainda era mais pesada, claro, com a sua bolsa tiracolo também abarrotada. O alívio se deu quando garantiram a entrada no trem e em poucos minutos ouviram o apito autorizando a partida. Sentados em seus assentos, riram um para o outro com cumplicidade e felizes por estarem ali; agora era só aguardar por cerca de uma hora e meia e estariam admirando o mar das famosas cinco vilas com casas coloridas construídas nos penhascos.

Júlia, sempre prevenida, havia preparado uns bons sanduíches e caixinhas de suco, pôs tudo sobre a mesa retrátil à nossa frente, e aquilo foi o lanche enquanto as paisagens inéditas para ambos corriam pelas janelas do trem.

Uma voz suave anunciou a próxima parada: *Monterosso al Mare*. O trem foi diminuindo a velocidade dentro de um longo túnel e logo que saiu parou na pequena estação imprensada entre a montanha e o mar. O *albergo* não era distante e, mesmo com toda a bagagem, resolveram caminhar até lá. A saída da estação foi como se abrissem uma imensa cortina apresentando o espetacular mar verde-esmeralda de uma das vilas de *Cinque Terre*. O percurso, ao longo do calçadão da Via Fegina, tinha de um lado lojinhas, sorveterias e restaurantes e do outro as águas claras com ondas mansas se esparramando sobre uma faixa estreita de praia formada por pequenos seixos.

Na recepção da pousada o casal proprietário disse que estavam com uma reforma no apartamento designado para eles, mas que iriam acomodá-los em outro maior no último andar do pequeno prédio. Subiram até o terceiro pavimento em um minúsculo elevador com porta pantográfica. Da janela do apartamento podiam apreciar, por sobre outro edifício, o mar e uma parte da principal via da vila. Isso deu-lhes um certo alento.

Não queriam perder tempo, havia um tesouro a ser descoberto. Largaram tudo e foram caminhar em busca de um local para um almoço leve. Surgiram diversas opções,

mas escolheram um pequeno restaurante com vista para o mar, charmoso e com bom preço. Sentaram em uma mesa na calçada e saborearam uma bela refeição de frutos do mar. No final, o simpático jovem atendente serviu-lhes um pequeno cálice de *limoncello*, um licor elaborado com limão siciliano produzido nos muitos pomares de *Cinque Terre*. Ele disse ao casal que teriam oportunidade de ver várias plantações caseiras do fruto nas partes mais altas das escarpas das cinco vilas.

O verão proporciona tardes mais longas e a luz do sol refletida na água era como raios dourados flutuando ao som de uma melodia. Caminharam, agora sem pressa, de mãos dadas, explorando os primeiros recantos do tesouro e o clima agradável naturalmente os convidou para um belo sorvete como sobremesa.

Calmamente atravessaram o calçadão, desceram alguns degraus e foram passeando pela praia em direção ao *albergo*. A água era cristalina, e eles não resistiram, puseram os pés sentido imediatamente o frescor de uma água fria, mas suportável, ouvindo o barulho das marolas quebrando sobre as pedrinhas polidas.

Seguiram até o final da baía quando se depararam com uma imensa escultura entalhada na rocha. Uma bela representação artística de Netuno na pedra, conhecida como *Il Gigante*. Sentaram-se por alguns minutos admirando as belezas do mar e da montanha que se fundiam ali na beira da praia protegidas pelo Deus dos Mares. Naquela paz, diante de seus olhos, sentiram-se mais próximos um do outro.

Lentamente retornaram ao *albergo* para um banho e relaxarem um pouco, quando foram pegos de surpresa pelo casal informando-os que em virtude das reformas, o salão do café da manhã também estava em obras e que o desjejum seria servido em um bar à beira mar, bem próximo dali. Eles ficaram chateados com a notícia, mas Júlia disse baixinho olhando para Ricardo,

— Quem sabe será uma boa surpresa, como tivemos com o apartamento.

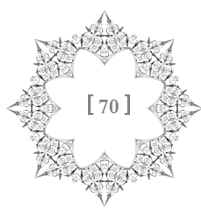
Ele simplesmente assentiu balançando a cabeça.

À noite, as luzes acesas no calçadão da via Fagina, com os restaurantes abertos e suas mesas ao ar livre, era mesmo uma atração para celebrar o amor. Ainda não era alta estação, mas havia muitos casais de turistas passeando, sentados às mesas, rindo com suas taças de vinho em um estado de imensa comunhão. Comeram ligeiramente em uma pizzeria que vendia fatias individuais e seguiram com um andar manso admirando o reflexo das luzes na água.

Na manhã seguinte o proprietário os indicou o bar para a *colazione*. Era bem pertinho, à beira mar, e eles já o tinham visto antes. Uma esplendida surpresa! O local era

lindo, uma atmosfera agradável, iluminado e com um perfume delicado de flores e frutas. As portas largas davam acesso a um *deck* ao ar livre com o mar o abraçando. Uma mesa com um farto bufê com queijos variados estava disponível. Duas moças muito simpáticas eram as atendentes, vieram dar as boas-vindas, se identificaram como um casal e os deixaram bem à vontade.

Foram sentar-se lá fora em uma mesa sob um sombreiro e enquanto apreciavam a luz do dia sobre o mar, a montanha e o céu azul numa sintonia perfeita, puseram suas cadeiras lado a lado com vista para a praia. Neste momento se deram conta que escutavam uma linda música em plena comunhão com a ocasião. Era a voz peculiar de Zucchero cantando Diamante, presenteando aquele momento único em *Cinque Terre*.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

FIQUE POR DENTRO DO MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI